



**O despertar do *Humanismo Aragonês* em *Curial e Guelfa*
El despertar del *Humanismo aragonés* en *Curial e Guelfa*
The awakening of *Aragonese Humanism* in *Curial and Guelfa***

Francis RASSELLI¹

Resumo: Ao vislumbrarmos o lento apagar das luzes medievais no século XV, percebemos a gradativa laicização dos códigos de valores que nortearam aquela civilização (ética, moral, cortesia, educação cristã, etc.). Nesse sentido, a Literatura oferece ao historiador que se debruça sobre aquele tempo de transição um notável promontório no qual se pode observar a interpenetração dos diferentes tempos históricos, como já nos ensinou Fernand Braudel (1902-1985). É nesse sentido que o estudo da novela (realista) de cavalaria *Curial e Guelfa* permite esse *descortinar da vida* nas camadas altas daquele século. Vida nas cortes, vida civilizada, vida polida. Assim, é de nosso interesse analisar como o autor da novela construiu uma determinada *imagem idealizada* de seu próprio passado, ou seja, como forjou em um texto (belamente escrito) um ideal cavaleiresco – à guisa humanística – ao tomar como modelo paradigmático Pedro III, *o Grande* (1239-1285), rei de Aragão e de Valência e conde de Barcelona. Para isso, valer-nos-emos da (primeira) tradução para o português realizada por Ricardo da Costa (a convite da Universitat d'Alacant, no seio do projeto internacional IVITRA) trabalho publicado pela Universidade de Santa Bárbara (Califórnia). Nosso aporte teórico será baseado na concepção de que o poder real da Baixa Idade Média foi construído propagandisticamente pelos arautos culturais que cercavam as cortes, tese defendida por José Manuel Nieto Soria, além do conceito de *Representação Histórica* de Roger Chartier (1945-).

Palavras-chave: História e Literatura – Novela de Cavalaria – *Curial e Guelfa* – Representação – Humanismo.

Abstract: When we glimpse the slow turning off of the medieval lights in the fifteenth century, we see the gradual transformation (and secularization) of the code values that guided that civilization (ethics, morality, courtesy, Christian education, etc.). In this sense, literature offers the historian, who focuses on transition time, a remarkable promontory

¹ Doutorando no Programa de Doutoramento em História do Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora, Portugal. E-mail: francisrasseli@gmail.com.



where we can observe the interpenetration of different historical times, as taught Fernand Braudel (1902-1985). That is why the study of the cavalry novel (realistic) *Curial and Guelfa* allows this unveiling of life in the high layers of that century. Life in the courts, civilized life, polished life. Thus, it is in our interest to analyze how the author of the novel built a certain idealized image of their own past, as forged in a text (beautifully written) an ideal chivalrous – under the humanist guise – to take as paradigmatic model King Peter III, the Great (1239-1285) of Aragon and Valencia and Count of Barcelona. For this, we will use of the (first) translation into Portuguese made by Ricardo da Costa (by invitation of the Universitat d'Alacant) to the International project IVITRA, that was published in the University of Santa Barbara (California). Our theoretical framework is based on the concept that the real power of the Middle Ages was built by cultural advertisements of heralds that lived in the cuts, thesis defended by José Manuel Nieto Soria. Besides that, we use the concept of representation exposed by Roger Chartier (1945-).

Keywords: History and Literature – Novel Cavalry – *Curial and Guelfa* – Representation – Humanism.

ENVIADO: 23.08.2016
ACEPTADO: 13.03.2017

Introdução

*Curial e Guelfa*² é uma novela narrada de um palco medieval, mas sua platéia é humanista e moderna. Nesse trabalho, procurei desvelar as pretensões que o autor³

² Anônima e sem título, sem frontispício e sem data, *Curial e Guelfa* chegou-nos em uma cópia manuscrita, desconhecida pela filologia românica até que, em 1876, Manuel Milà i Fontanals (1818-1884) publicou na *Revue de Langues Romanes* uma breve nota informativa e crítica, acompanhada da transcrição dos primeiros parágrafos de cada um de seus três livros. A obra pode ser datada de meados do século XV, isto é, em coincidência cronológica com a presença de Afonso V de Aragão, o *Magnânimo* (1396-1458) como soberano de Nápoles (1442-1458). Devemos ao seu primeiro editor, Antoni Rubió i Lluch (1856-1937), a proposta de intitulá-la *Curial y Güelfa* (1901), nomes dos seus protagonistas. Estes são italianos, como também é de filiação italiana a trama erótico-sentimental de grande parte da narrativa, embora o cenário geográfico onde se desenvolvam as gestas de Curial e a procedência da maioria de seus personagens digam respeito não somente à Itália, mas também à Alemanha, Hungria, Terra Santa, Egito, Grécia, Túnis e, sobretudo, à França. A novela reserva um lugar especial para a figura de Pedro III, o *Grande* (1239-1285), soberano da coroa de Aragão, mas também pelo fato de ser consorte de Constança de Hohenstaufen (1249-1302), e, por isso, também rei da Sicília. Ainda que anti-angevina, a influência cultural francesa na trama é central e, de fato, são em terras francesas que acontecem as principais gestas cavaleirescas que Curial protagoniza. As discussões do presente artigo baseiam-se na primeira tradução de *Curial e Guelfa* para o português,

propôs em seu coração quando escreveu uma novela de cavalaria, do *Quattrocento*, mas que narrou os feitos de um monarca aragonês do século XIII, peculiar recurso cultural da civilização ocidental da Baixa Idade Média. A representação imagética, tanto em afrescos palacianos quanto em literatura cortesã, foi bastante explorada nas delimitações geopolíticas no final da Idade Média e início da Moderna para (re)afirmar o sentimento cívico e político, próximo do que hoje chamamos de identidade nacional.⁴ Além disso, a fonte aqui utilizada como base analítica possui um conjunto de vestígios literários, artísticos e históricos que denotam uma singular harmonia com as manifestações culturais, políticas e sociais do norte da Itália quatrocentista, berço do Renascimento Cultural moderno.

Com essa matéria prima em mãos, construí um texto de modo a compreender a intenção de se criar uma atmosfera de representação idealística da imagem de um monarca ibérico na eclosão do pensamento cívico e político do século XV. Para isso, lancei mão do aporte teórico de Roger Chartier (1945-), uma referência nos estudos

realizada por Ricardo da Costa. ANÔNIMO. *Curial e Guelfa*. (tradução, apresentação e notas de Ricardo da Costa). Santa Barbara, Califórnia (EUA): Publications of eHumanista, 2011.

³ É válido fazer, aqui, uma atualização acerca da autoria de *Curial e Guelfa*. O presente artigo, fruto de minha monografia de conclusão do curso de graduação em História (2014), tomou por base a tradução de Ricardo da Costa (2011), que foi elaborada num contexto em que o autor da novela ainda era tido como anônimo. No entanto, as recentes elaborações de Abel Soler vieram trazer novas perspectivas para essa discussão. Após quatro anos de investigação sob os auspícios da *Universitat de València*, plasmada numa tese de 5200 páginas, Soler atribuiu a autoria da novela a Enyego d'Àvalos, um diplomata de grande prestígio e cultura da corte napolitana do *Magnânimo*. Nascido em Castela, d'Àvalos passou sua infância e sua juventude em Valência (Soler o considera um “valenciano por adoção”), então capital *de facto* da Coroa de Aragão. A tese – que será editada em três volumes pela *Institució Alfons el Magnànim de la Diputació de València* e pela *Universitat* – tem uma enorme relevância, já que dá nome a uma obra-prima tida, até então, como anônima; confirma a “valencianidade” do texto, certificada há décadas pelos filólogos, além de compreender outras peculiaridades filológicas (italianismos, castelanismos, lombardismos, napolitanismos...). Graças ao conhecimento da trajetória biográfica do autor, lançou-se luz ao conteúdo do relato, posto que se decifram os nomes de personagens relacionados com a vida de d'Àvalos. Ver “*Investigadores de la UV descubren el autor de la novela ‘Curial e Güelfa’ y confirman su ‘valencianidad’*”, 27 fev. 2017, *Internet*, <http://m.20minutos.es/noticia/2971083/0/investigadores-uv-descubren-autor-novela-curial-guelfa-confirman-su-valencianidad/>.

⁴ COSTA, Ricardo. “Um Espelho de Príncipes Artístico e Profano: a representação das virtudes do Bom Governo e dos vícios do Mau Governo nos afrescos de Ambrogio Lorenzetti (c. 1290-1348?)”. In: *Utopía y Praxis Latinoamericana – Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social*, vol. 8, n. 23, out. 2003, p. 55-71, Maracaibo: Universidad Del Zulia. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/um-espelho-de-principes-artistico-e-profano-representacao-das-virtudes-do-bom-governo-e-os>



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 24* (2017/1)
Manifestations of the Ancient and Medieval World
Manifestaciones de los mundos antiguo y medieval
Manifestações da Antiguidade e da Idade Média

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

da História das Representações, para entender os ícones simbólicos e coletivos construídos na confederação de estados da Coroa Aragonesa (1164-1707).⁵

A exaustiva leitura da fonte primária, com estudos semanais sobre o tema, além da bibliografia de apoio, na altura de minha participação no grupo de pesquisa que fomentou a investigação, muito contribuiu para uma melhor compreensão do recorte temporal escolhido. A imersão na fonte de pesquisa é uma das mais ricas formas de se aproximar do tempo que estudamos e questionar o que pode ter ocorrido; é um agradável diálogo com as ideias, sutilmente costuradas no documento. Não é só um exercício de indagação em relação ao passado, mas também de contemplação, uma vez que enxergamos, com sabedoria e prudência, a influência de nossas raízes clássicas no tempo presente.

Assim, iniciada a investigação e o questionamento histórico, lancei mão da tradução da fonte realizada por Ricardo da Costa⁶, membro do projeto IVITRA⁷ na América Latina. Com a fonte traduzida em mãos, iniciei meu trabalho com um questionamento: a que se deve a idealização da monarquia aragonesa em *Curial e Guelfa*? Seria a novela um manual do bom governante? Ou é apenas um vestígio literário e poético de sua época?

⁵ “La Corona d’Aragó va ser una confederació plurinacional i pluriestatal, monàrquica, que es va començar a configurar al segle XII i que va sobreviure fins al principi del segle XVIII. Amb el pas dels segles, es va anar en riuquant amb la incorporació de nous estats que tenien nivells i graus d’integració de diferent intensitat. El Regne d’Aragó, el Principat de Catalunya i, des del segle XIII, el Regne de València van ser les unitats polítiques que a conseqüència van aconseguir una més gran plenitud política, institucional i jurídica. El Regne de Mallorca, i aquelles entitats mediterrànies incorporades, els segles XIII, XIV i XV, van ser en l’aspecte polític entitats de segon ordre, però no per això de menys pes en determinats períodes de la seva llarga integració a la Corona”. – SOBREQÜÉS I CALLICÓ, Jaume. *Corona d’Aragó, Reial Corona d’Aragó, Corona Reial d’Aragó i Casa d’Aragó, en el llenguatge polític del segle XV*. A: Estudis d’Història de Catalunya (Edat Mitjana · Edat Moderna · El Pactisme). Barcelona: Editorial Base, 2009.

⁶ Professor do Departamento de Teoria da Arte e Música (DTAM) da UFES, do Programa de Doutorado Internacional a Distância del Institut Superior d’Investigació Cooperativa IVITRA [ISIC-2012-022] Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea (Universitat d’Alacant, UA) e dos mestrados de Artes e de Filosofia da UFES. *Acadèmic corresponent a l’estranger da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: www.ricardocosta.com E-mail: ricardo@ricardocosta.com

⁷ Instituição europeia vinculada à Universidade Alicante e que fomenta a tradução dos clássicos literários produzidos no período da Coroa Aragonesa. Para mais, ver <http://www.ivitra.ua.es>.

Nesse sentido, empenhei-me em analisar a novela, realista, sob o prisma de um possível discurso político literário em favor da Coroa de Aragão, uma proeminente dinastia ibérica que, apesar da crise do século XIV, conseguiu consolidar-se como uma talassocracia⁸ no mediterrâneo quatrocentista, onde a coroa aragonesa, desde o rei Jaime I de Aragão, *o Conquistador* (1208-1276), alçou sua bandeira até a cidade grega de Atenas.

Foi o filho de Jaime I de Aragão, no entanto, Pedro III (1239-1285), *o Grande*, rei de Aragão, conde de Barcelona e rei de Valência desde 27 de julho de 1276, além de rei consorte da Sicília desde 1282, a ser mencionado em alguns trechos da novela. Embora tenha recortado alguns extratos da fonte que fazem menção honrosa ao filho de Jaime I, *o Conquistador*, minha intenção não foi analisar essa “grande” personagem historiográfica, mas o contexto social que permeava essa civilização que, gradativamente, via a tradição medieval esvaír-se durante os séculos XIV e XV. A reprodução heráldica dessa casa dinastia aragonesa donota signos até hoje ligados à memória da grande monarquia navegante: das imagens, das cores da bandeira – presentes na memória dos Países Catalães – e até o dragão no topo do capacete são imagens presentes em qualquer armorial de qualidade que documente essa região da Europa da Baixa Idade Média. Um claro exemplo da *Longa Duração* de Fernand Braudel (1902-1985).

Talvez *Curial e Guelfa* tenha sido o expirar ofegante de uma literatura tardo-medieval, típica de *Dom Quixote*, que deu lugar às produções político-literárias, típicas do movimento peculiar do norte da península itálica do século XIII, XIV e XV, que encontrou terreno fértil nas aspirações políticas e dinásticas da Península Ibérica. A formação intelectual, militar – além da cristã – de um monarca não é um fenômeno da Baixa Idade Média, porém, é no alvorecer do Humanismo que a produção intelectual, plástica e literária, resultado de uma secular erudição monástica, alcança o maior esplendor na profusão de intelectuais das universidades europeias – Bolonha, Salamanca, Coimbra etc. – de artistas plásticos, de músicos e de literatos das mais diversas escolas de pensamento.⁹

⁸ Domínio e/ou império marítimo.

⁹ “A História da Arte deve considerar a produção artística como um documento num sentido mais amplo, “documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira.” (LE GOFF: 1994, 540). A produção artística deve ser vista em seu conteúdo sócio-cultural, e relacionada à documentação escrita (MACEDO: 1995, 19-28). Este procedimento nos permite alcançar níveis de compreensão que não são possíveis somente com fontes escritas. Melhor: deseja-se uma história que possa ver nas imagens testemunhos da sensibilidade de uma época (FRANCO JR.: 1996, 24).” – COSTA, Ricardo da, *op. cit.*, 2003.

A novela que dedico análise nesse artigo foi, certamente, lida em salas de cortes europeias, deu vazão aos sentimentos de muitos ouvintes, para além dos ávidos leitores, e se consolidou como uma obra de destaque no seio cortesão tardo-medieval. Quantos corações enamorados ela arrebatou?! Julia Butiñà explica que *Curia e Guelfa* possui uma peculiaridade: é uma ode ao matrimônio!¹⁰ Mas não foi só o amor matrimonial, penso eu. Coloquemos, à guisa do Humanismo, o amor pelo Monarca, pela Justiça e pela Razão. Quisera eu, como orientou – e experimentou – Georges Duby (1919-1996), palmilhar os caminhos relatados em minha fonte para compreender o que exatamente ela quer dizer.¹¹ Minha intenção foi realmente sentir a fonte: os documentos não são mais do que documentos, inanimados por excelência, porém, resguardam memória social, cultural e civilizacional. A sensibilidade é requisito imprescindível para dialogar com o passado.

Minha interpretação humanística – para além da humana – é *conditio sine qua non* para captar os sentimentos de quem escreveu a fonte estudada e entender o passado, dever de todo historiador que preza pela sua profissão. Afinal, a História, muito mais que mera ciência humana, é humanística. Para uma melhor interpretação do passado humanista, a leitura dos clássicos literários é o exercício fundamental para entender o que pensa e como pensa a sociedade do recorte temporal que estudo. Estudar os

¹⁰ “Pero esta nueva forma de hibridación de ambas tradiciones, clasicista y cristiana, dada su realización lenta y compleja, no permite simplificar su reconocimiento a través de unos signos claros en los textos; es decir, se trata de un fenómeno en el que no se puede trazar una fácil alineación, especialmente en lo que afecta a elementos no materiales. Ello se puede apreciar en las dos grandes novelas caballerescas catalanas, pues el Curial e Güelfa, obra que defiende el amor matrimonial, no es por eso menos humanista que el Tirant lo Blanc, que es una panacea de escenas eróticas”. BUTIÑÀ JIMÉNEZ, Julia. “La introducción del Humanismo en la Península Ibérica”. In: COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21. Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)*, jul-dez 2015, p. 198-221, Internet, <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/21-11.pdf>

¹¹ “Conhecia-lhe toda uma parte ‘de cor’: as colinas do Máconnais, onde a luz parece a de Siena em certos dias do outono e cuja terra, sobre a qual eu chegara na adolescência a dormir, do outro lado da Rocha de Solutré, recende a buxo, ferro e tomilho. Passada a vasta extensão e prados onde corre o Saône, eu ainda estava de certa forma em casa: é ali que se firmam, não sei bem até que profundidade, as raízes de minha linhagem paterna. Do outro lado, na direção do poente, além da linha dos cumes montanhosos, eu começara há pouco tempo a conhecer e amar novas colinas – menos ásperas e cobertas de ervas – que cercam Cluny. Voltei portanto a percorrer esses caminhos. Considerava necessário esta convivência íntima, prolongada, carnal com a terra. Achava que podia ajudar-me a melhor compreender os textos que analisara na véspera, aproximando-os da vida”. – DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 38.

clássicos do recorte temporal é como ler a frase dantesca *lasciate ogni speranza voi ch'entrate*¹² com os olhos voltados para trás da porta de entrada do Inferno.

I. O texto

A novela é dividida em três livros, divisão textual peculiar de escritores do período da Baixa Idade Média. Talvez, a maior influência venha do próprio Dante Alighieri (1265-1321), autor da *Divina Comédia*. É claro que uma influência estética desse nível seria matéria prima para fundamentar uma consolidação identitária, linguística e governamental. A própria *Divina Comédia*, por exemplo, é a pedra de esquina para a consolidação do idioma que conhecemos hoje como italiano.

A arquitetura textual de *Curial e Guelfa* é renascentista, mas tem um “pano de fundo” que remonta a estética cavaleiresca do *Duocento*, e dá ao belo das Ordens de Cavalaria do século XIII um lugar de destaque na trama novelística. Essa preocupação idealística é mais um indício para dizer que o autor pertencia ao estrato aristocrático de uma sociedade do século XV, um atento leitor dos clássicos da Antiguidade e membro da corte aragonesa, apaixonado por representações das ordens medievais.¹³ Todavia, creio que era mais que paixão e idealização que movia a pena do autor. As grandes casas dinásticas europeias estavam a arvorar-se, o mediterrâneo do século XII ao XV era o *Mare Nostrum* aragonês, período que nasceu um novo ator na ordem social, o burguês. A busca pelo passado glorioso era mais que uma mera paixão, tratava-se de uma necessidade política latente.

As nuances de uma imagem cavaleiresca do século XIII e o do XV são notórias nas performances de todas as personagens do texto. Johan Huizinga (1872-1945) analisa, de maneira magistral, o singelo adormecer de alguns conceitos medievais em sua obra prima *O Outono da Idade Média*, enquanto observa as significativas continuidades da sociedade europeia medieval no homem cortesão renascentista. Huizinga dialoga com o historiador suíço Jacob Burckhardt (1818-1897) e usa uma elegante ironia ao contestar o erudito helvético sobre as aspirações sentimentais de um cavaleiro medieval em ascensão e um promissor burguês renascentista.¹⁴ Havia no

¹² DANTE ALIGHIERI. *La Commedia secondo l'antica vulgata a cura di Giorgio Petrocchi* (edizione Nazionale a cura della Società Dantesca Italiana). Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1966-1967, *Inferno*, III, 9.

¹³ Indício *a priori* confirmado pela tese de Abel Soler, brevemente comentada na nota 3.

¹⁴ “Burckhardt considera que a aspiração à glória e à fama, que deriva ora de um alto sentimento de honra, ora da soberba mais tosca, é o traço peculiar do homem renascentista. À honra e ao orgulho de estamento, vigentes na sociedade medieval fora da Itália, ele opõe um sentimento universal de

Renascimento uma contínua busca pela glória e pelo orgulho medieval, fruto de uma idealização das imagens dos heróis da Antiguidade nas aspirações, ora sagradas, ora profanas, de um cavaleiro medieval.¹⁵

Ressalto, aqui, que as condições políticas de uma época, além da vida privada de seus governantes, ainda se manifestam como alguns dos elementos que mais incitam a vida de uma determinada sociedade. As conquistas, derrotas e, principalmente, os escândalos da vida privada de membros de uma corte monárquica parlamentar, por exemplo, ou até mesmo os escândalos sexuais de primeiros ministros e de presidentes ainda são causa de muito frenesi.

A alegria de viver, a confiança no porvir e nos grandes feitos como ocorreu no Renascimento e no Iluminismo, foram aspirações expressadas pela primeira vez pelos humanistas que encontraram na glória da redescoberta dos clássicos da Antiguidade o anseio por uma vida mais bela, rica e promissora. Aqui eu imagino e ratifico: bela, rica e promissora é uma visão de vida bem-sucedida, porém, com valores que nossa mentalidade contemporânea, distante não somente temporal e espacial, mas também culturalmente, não assimila. O sucesso estava além do poder aquisitivo: tratava-se da necessidade de ser um par do rei, mais que um súdito. Entretanto, sempre aos pés do monarca.

II. Os três livros

A novela divide-se em três livros: cada um iniciado por um ilustrativo prólogo em que o autor descreve, entre outras coisas, sua própria concepção de literatura. Algumas

honra e fama que o espírito italiano persegue a partir de Dante, sob forte influência do imaginário clássico. Parece-me que esse é um dos pontos em que Burckhardt exagera a distância entre o medieval e o renascentista, entre a Europa ocidental e a Itália. A sede de glória e de honra no Renascimento provém, no fundo, das aspirações cavaleirescas de origem francesa, da honra estamental levada ao máximo, despojada do elemento feudal e fecundada pelo pensamento clássico. O afã de ser louvado pela posteridade é tão familiar ao cortesão do século XII e ao rude mercenário francês ou alemão do século XIV como ao belo espírito do XV.” – HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010, p. 100.

¹⁵ “A aspiração cavaleiresca à glória é inseparável do culto dos heróis, no qual confluem os elementos medieval e renascentista. A vida cavaleiresca é uma imitação, seja dos heróis do ciclo arturiano, seja dos heróis da Antiguidade, pouco importa. À época de ouro do romance de cavalaria, Alexandre o Grande, é completamente incorporado à esfera idealizada da moral cavaleiresca. A imagem fantasiosa da Antiguidade não se distingue da Távola Redonda. Num poema, o rei René descreve os túmulos de Lancelote, César, Davi, Hércules, Páris e Troillo, um ao lado do outro, todos ornados de brasões.” – HUIZINGA, Johan, *op. cit.*, p. 101.

hipóteses iniciais consideravam que o autor seria um italiano ou um francês. Porém, essas considerações foram refutadas por outros que sugerem uma *valencianidade* do autor, já que algumas investigações mais recentes defendem essa hipótese pelos traços lexicográficos da obra.¹⁶

Há em *Curial e Guelfa* algumas variações léxicas que são claramente valencianas e castelhanas habituais da região da Coroa Aragonesa durante o século XV, peculiares de documentos diplomáticos da corte de rei Alfonso V, o *Magnânimo* (1416-1458).

Curial e Guelfa desenvolve-se em um pano de fundo temático da cavalaria e da tradição medieval, como também sobre a incipiente estética renascentista. São três os temas motores da novela: a história de amor de *Curial e Guelfa*, o processo de formação *cavaleiresca* de Curial e a busca pela honra pessoal. No século XV, era rico o florescimento estético de três elementos da vida: a bravura, a honra e o amor.¹⁷

II.1. Livro I

Aqui é apresentado Curial: filho de uma família humilde, que perde o pai na mocidade e, assim, decide buscar fortuna ao lado do jovem marquês de Montferrat e de sua irmã, Guelfa. Nesse trecho da novela, o autor insere concepções de mobilidade social em uma civilização, por excelência, hierarquizada. Mas que hierarquia era essa? Na verdade, não se tratava de uma divisão entre oprimidos e opressores, mas de uma estratificação sistematizada num só pensamento: cada um possuía o seu papel fundamental para o bom funcionamento da vida comum. Não era somente uma sociedade hierarquizada, mas, acima de tudo, ordenada.

Nessa ordenança social, o pensamento medieval ainda era a pedra de esquina que fundamentava a mentalidade moral do homem do século XV, pois a educação ainda estava ligada à tradição eclesiástica e reproduzia o mundo espiritual no ambiente material, além de orientar todo o *corpus* educacional da civilização ocidental. A formação intelectual foi o caminho mais promissor para as pretensões sociais que Curial buscava. Quando o marquês de Montferrat conhece Curial, põe-no ao seu serviço como um camareiro. Alguns anos mais tarde, Guelfa se casa com o duque de Milão. Dois anos depois, no entanto, o duque de Milão morre e Guelfa, agora uma jovem viúva, volta a viver sob a tutela de seu irmão, o marquês de Montferrat.

¹⁶ Figura entre essas investigações mais recentes a de Abel Soler, referenciada na nota 3.

¹⁷ HUIZINGA, Johan, *op. cit.*, p. 80.

Nesse ínterim, Curial inicia-se nas artes liberais – o *Trivium* e o *Quadrivium* – e acaba tornando-se num poeta de fama no mesmo contexto em que Guelfa, atormentada pela falta de interesse de seu irmão em encontrar um novo marido para ela, decide conceder seu amor a algum jovem em segredo. Curial é o felizardo. Curial aceita a proteção de Guelfa para melhorar sua situação social e poder transformar-se em um grande cavaleiro. Essa característica do jovem dependente de sua senhora era muito comum no ambiente das cortes medievais, o que rendeu produções literárias riquíssimas para a cultura ocidental. Um exemplo são as *cantigas medievais*, gênero literário, artístico e cultural do século XIII em que códigos de conduta, educação e manifestação artística eram transformados em poesia que distraía desde os infantes na sistemática vida de corte até o contadino no campo. Essa profusão artística foi muito difundida na Península Ibérica e revelou grandes nomes de menestréis e trovadores, inclusive o de monarcas poetas. Suas primeiras manifestações datam do século XII e ecoam por toda a Baixa Idade Média, como as cantigas galego-portuguesas, bela expressão desse gênero artístico tardo-medieval.¹⁸ A mulher possuía um papel de destaque nessa linha literária. Leonor de Aquitânia, Isolda, Guinevere, Maria Madalena, Heloísa, Juette, a própria Guelfa, para citar apenas algumas, figuram como exemplos de musas dessas cantigas.

Em certo dia, dois maliciosos e invejosos velhos descobrem o segredo de Curial e o difamam diante do marquês de Montferrat. O marquês chama Curial com a pretensão de expulsá-lo da corte por haver beijado sua irmã, porém, Curial, para manter seu segredo, diz que é mentira e que combaterá qualquer um que diga o contrário. O irmão da jovem viúva acredita e permite que o jovem permaneça na corte, com a condição de Curial evitar encontrar-se com Guelfa.

Num determinado dia, um arauto da Áustria busca, nas terras da corte de Montferrat, um cavaleiro para ajudar a duquesa da Áustria, acusada de adultério e condenada à morte pelo marido. Todavia, se dois cavaleiros conseguissem vencer os acusadores, a duquesa austríaca poderia recuperar sua liberdade. Curial oferece-se para acompanhar o cavaleiro de Montferrat e ambos partem à Áustria.

Antes do combate, Curial é investido como um cavaleiro e, por fim, os acusadores são vencidos em combate, reconhecem que caluniaram a duquesa e são condenados a morrer na fogueira. O duque da Baviera, pai da duquesa acusada, oferece a mão de

¹⁸ *As Ondas do Mar de Vigo* de Martin Codax (séc. XIII) além do grande rei poeta D. Dinis (1261-1325), compositor da cantiga *O Que Vos Nunca Cuidei A Dizêr* são apenas alguns exemplos desse legado artístico. Para mais, ver <http://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?cdaut=25&pv=sim>.

sua filha menor, Laquesis, a Curial em agradecimento por ter salvado a honra e a vida de sua filha mais velha. Contudo, um emissário de Guelfa recorda a Curial o compromisso com sua amada.

Mais tarde, Curial tem notícias de um novo torneio organizado pelo rei da França em Melun.¹⁹ Guelfa, diante da ausência de Curial, retira-se para um convento, embora fosse informada constantemente das ações de seu amado por meio das cartas de seus emissários.

II.2. Livro II

No segundo livro, depois de diversos combates e outras peripécias típicas dos cavaleiros errantes²⁰, Curial chega ao torneio de Melun, onde recebe uma carta de Laquesis. Nesse mesmo torneio, chega também o rei de Aragão, Pedro III, *o Grande*, de maneira incógnita. Curial e o rei aragonês são escolhidos como os melhores combatentes do torneio.

Mais tarde, um enviado de Guelfa recomenda que Curial passe uma temporada na corte francesa. Os anciãos invejosos de Montferrat decidem eliminar Curial e dirigem-se a Paris para caluniá-lo diante do rei da França. Quando retornam à corte de Montferrat, os invejosos anciãos relatam a Guelfa o envolvimento entre Curial e Laquesis, o que muita a entristece.

O destemido cavaleiro Curial volta a Montferrat para defender-se das falsas acusações, porém não convence a jovem viúva. Ela lhe nega, a partir de então, toda a sua proteção. Curial cai em desgraça.

¹⁹ Comuna francesa, capital do departamento de Seine-et-Marne e na região de Île-de-France, 40 km a sudeste de Paris.

²⁰“... cavaleiro andante – expressão literária que designa tanto um personagem social real quanto fictício, por também ser um modelo ideal de comportamento. O historiador José Mattoso tratou dos cavaleiros errantes portugueses (como Gonçalo Rodrigues Ribeiro, aliás, citado em *Os Lusíadas* [VIII, 27]), e chegou a afirmar que, com ‘a ridicularização do cavaleiro andante’, o mundo ocidental perdeu um de seus mais belos ideais. Essa ‘ridicularização’ levada a cabo por Cervantes, não obstante, proporcionou uma bela e famosíssima definição descrita em *Dom Quixote*: o cavaleiro andante é aquele que vai pelas “solidões e despovoados” em busca de aventuras, com ânimo deliberado de oferecer seu braço e sua pessoa aos perigos da sorte, sempre em socorro dos fracos e desvalidos (Vol. I, Segunda Parte, XIII).” – COSTA, Ricardo da. “Uma jóia medieval no alvorecer do Humanismo: a novela de cavalaria Curial e Guelfa (século XV)”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 539-549. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/539-549.pdf>.



Curial retorna a Paris e encontra Laquesis casada com o duque de Orleães. Sem nada a fazer na França, o jovem e perturbado cavaleiro retorna a Montferrat para conquistar mais uma vez a confiança de Guelfa. A busca pela reconciliação com sua amada é frustrada e Curial tenta sublimar suas decepções em uma viagem ao Oriente.

II.3. Livro III

No terceiro livro, Curial, considerando as circunstâncias, desprende-se de parte de suas jóias e, pelo porto de Gênova, embarca em um navio até Alexandria e, sob um ataque corsário, chega à Sicília.

Ao deixar a ilha siciliana, é capturado pelos súditos de Carlos de Nápoles (1226-1285) que o acusam de traição, mas o rei não o condena e o libera para continuar sua viagem para Alexandria, Terra Santa e, novamente, Alexandria.

Ao retornar para Gênova, a embarcação na qual viajava Curial é acometida por uma tempestade que a desvia para Trípoli, onde é atacada e a tripulação assassinada, menos Curial e outro homem, que são dados como mortos. Ambos, posteriormente, são vendidos como escravos para um rico homem de Túnis.

Quando Guelfa recebe a notícia de que seu amado se encontra cativo do outro lado do Mediterrâneo, desespera-se e envia duas vezes um navio para encontrá-lo, embora não obtenha sucesso. Com o passar de alguns anos, Curial pôde comprar sua liberdade e, finalmente, através do porto de Gênova, volta à corte de Montferrat.

Ao chegar a Montferrat, encontra-se com Guelfa. Tão logo ela o reconhece, recaem sobre Curial acusações de traição. Curial parte para a França em busca de um beneplácito do monarca francês, até que chegam notícias de que o exército turco invadiu o Sacro Império Romano-Germânico.

Curial, que forma seu grupo de combate com alguns seguidores e admiradores, dirige-se para a batalha onde se encontra com o marquês de Montferrat e, juntos, conseguem vencer o líder turco. Por fim, retornam à França com a intenção de recorrer à corte do rei de França, que realizava, naquele momento, uma cerimônia religiosa.

Ao final, Curial, de forma incógnita, suplica que toda a corte peça misericórdia a sua amada em favor dele – meio em que Guelfa disse que o perdoaria. Finalmente,

cumprida a exigência de bela e jovem viúva, o rei de França pede ao irmão de Guelfa, o marquês de Montferrat, que conceda a mão de sua irmã a Curial e lhe outorga o Principado de Orange.

III. Uma imagem idealizada

À maneira das novelas históricas, toda a ação do texto desenvolve-se na segunda metade do século XIII, mais precisamente no entorno do reinado de Pedro III, *o Grande*. O autor mescla a aparição de personagens históricos do século XIII e XIV com outros totalmente fictícios. Por outro lado, ele demonstra toda sua erudição e conhecimento da narrativa românica: dos trovadores a Dante, passando por Bocaccio, pelo Ciclo Arturiano, pela *Eneida* de Virgílio, pela *Odisseia* de Homero, etc.

No final do Livro I, há um momento literário em que o jovem Curial, ao regressar de uma disputa com um cavaleiro napolitano, Boca de Far, é recepcionado com honrarias militares junto a alguns cavaleiros catalães às portas de Barcelona, na corte do rei Pedro, *o Grande* (1239-1285, III de Aragão, I da Sicília, I de Valência, e II de Barcelona), filho de Jaime I, *o Conquistador* (1208-1276).

O autor da novela introduz uma sutil exaltação político-literária àquela figura histórica que tanto é mencionada na novela como uma forma de herói medieval para o escritor renascentista:

Naquele tempo, havia em Aragão um rei muitíssimo nobre e valoroso chamado Dom Pedro, cavaleiro robustíssimo, forte e valente, e que, enquanto viveu, fez com seu corpo muitas coisas dignas em batalhas e de venerável recordação, tanto contra sarracenos quanto outras gentes (Livro I, cap. 46).

Na passagem a seguir, encontrei mais uma forma de idealização da figura do rei, agora conselheiro e admoestador, no momento em que em que o monarca aragonês, graciosa e generosamente, repreende alguns cavaleiros invejosos e afirma que a cavalaria não condiz com aquele comportamento tão ímpio e cruel. Esse trecho do texto exprime essa representatividade política da novela sobre a figura monárquica aragonesa. Praticamente uma propaganda da coroa de Aragão, além da representação de uma nostalgia em relação às ordens de cavalaria e às suas normas de conduta.

Ao verem isso, os outros cavaleiros sentiram inveja, não da honra que eles recebiam, mas de não tê-las da mesma forma. Fínda a ceia, o rei, sem esquecer a graça de sua singular magnificência, deu-lhes dons preciosos e grandes herdades para que lá vivessem, e para que, aonde quer que eles fossem, dali em diante, não fossem chamados



de cavaleiros pobres. Todos murmuravam a grande singularidade que o rei fizera em honrar aqueles cavaleiros, e o rei, ao perceber isso, chamou em um canto a todos que podiam vir e disse: “– Eu não honro os meus cavaleiros por suas pessoas, mas honro a cavalaria que neles há, a qual, em seus corpos, tão valorosamente se mostrou. Esta mesma honra, e muito maior, eu farei quando nos corpos de algum de vós ela quiser se mostrar... Todos louvaram aquele rei de grande magnificência, e entenderam que, enquanto ele vivesse, a cavalaria seria mantida e, após a sua morte, a cavalaria pouco se manifestaria. (Livro I, cap. 46).

Curial, agora como cavaleiro andante, busca no orgulho das batalhas e dos torneios os meios de ascender na esfera social nobiliárquica, porém, necessita enfrentar, além de seus inimigos, suas vaidades e seus infortúnios.

O coração de Curial, desejoso de seguir a carreira cavaleiresca, precisa do aval de sua senhora, Guelfa, que exerce um poder quase celeste sobre o jovem cavaleiro. Alguns historiadores classificaram atitudes de jovens mancebos para com suas amadas, derramando “cortesias” e amores inflamados por senhoras da corte como uma forma de amor, o *Amor Cortês*, característico do *Movimento Trovadoresco*.²¹

Percebi essa condição orbital do destemido jovem para com sua senhora, destro nas armas de cavalaria, neste trecho da fonte:

²¹ “... difundido no Ocidente a partir do sul da França, mais particularmente desde os poemas de Guilherme IX da Aquitânia (1071-1127), poderosíssimo duque daquela parte romanizada do território francês (além de conde de Poitiers). Naquele mosaico de senhorios de todos os tipos e tamanhos que compunham o sul da França, floresceu uma poderosa vida social em torno das cortes e ao redor das damas castelãs e das outras senhoras de uma maneira geral, um refinado lirismo antes desconhecido. De uma rudeza vulgar expressa em seus versos dos primeiros tempos, aqueles homens, até então educados unicamente para demonstrar seus dotes mais viris na violência da guerra e dos torneios, logo passaram a exaltar poeticamente o gozo fugaz, a submissão à dama, a fidelidade amorosa, a melancolia da paixão ardente, e a natureza como suma mestra da vida. Em outras palavras: o amor manifestado no lirismo das poesias que gradativamente aqueles homens violentos expressaram às mulheres ajudou, lentamente, a moldar, a refinar, enfim, a construir o depósito educacional europeu no qual as instituições cristãs solidificaram. As cortes se tornaram centros de patrocínio literário. Artistas deambulavam de um castelo a outro. As pulsões se tornaram mais controladas – afinal, a presença da castelã, da domina, impunha formas mais pacíficas e suaves de conduta, de sociabilidade.” – COSTA, Ricardo da. “O papel do *amor cortês* e dos jograis na Educação da Idade Média: Guilherme da Aquitânia (1071-1127) e Ramon Llull (1232-1316)”. In: CASTRO, Roberto C. G. (org.). *O Intérprete do Logos – Textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: Factash Editora / ESDC, 2009, p. 231-244. Internet, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/imagens/amor/papeldoamorcortes.pdf>.

Disse então a Melchior: “– Meu pai, eu já ouvi todos os dias as maravilhas que contam desses cavaleiros. Por isso, porto uma grande culpa por estar aqui sem fazer nada, pois provavelmente eu não terei, em toda a minha vida, ocasião mais propícia para exercitar o corpo em feitos tão nobres nem com tanta diversidade de cavaleiros como essa. Por isso, rogo-vos, por misericórdia, que vades à senhora e lhe supliqueis, de minha parte, que deseje ordenar que eu faça algo nesse caso, pois não ousarei sair de casa, por vergonha. (Livro II, cap. 01).

IV. A influência do *Humanismo Cívico*

A presença, no Livro II, de uma mescla dos valores cristãos do período tardo-medieval com o *Humanismo Cívico*²², o que denota uma influência *petrarquista* na obra, dá-nos mais um indício de que a obra foi escrita por um entusiasmado renascentista. Renascentista ou não, o fato é que o autor era um amante de Francesco Petrarca (1304-1374)²³ e um exímio conhecedor dos fundamentos humanistas que concederam ao escritor *fiorentino* o título de *pai do Humanismo*.

Nessa perspectiva de análise da fonte, percebemos que o autor busca uma afirmação intelectual, literária e jurídica similar ao que ocorreu no renascimento republicano do norte italiano. Com efeito, o viés poético da fonte concede lugar ao seu prisma ideológico para fomentar uma estrutura capaz de traduzir os anseios territoriais de uma proeminente dinastia conquistadora. O exército aragonês (que unificou sob a mesma bandeira, catalães, aragoneses, maiorquinos, italianos, etc.) foi o braço militar dos reis católicos Isabel I de Castela (1451-1504) e Fernando II de Aragão (1452-1516), que consolidariam, por meio de seu enlace matrimonial, o estado nacional espanhol. Um rei, uma língua e uma nação.

Petrarca queixava-se de que os exércitos do século XV não honravam seus senhores; estavam cheios de “ladrões e assaltantes”, que “pilham com maior freqüência os seus aliados do que seus inimigos”. Um olhar nostálgico ao código virtuoso dos cavaleiros medievais, em uma triste realidade, relatada por Petrarca, dos milhares de mercenários

²² “... Humanismo petrarquiano, que já se desenvolvera no correr do século XIV”. – SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 93.

²³ “Francesco Petrarca (1304-1374). É unanimemente considerado o precursor dos humanistas, ou mesmo como o primeiro humanista. Teve efetivamente lúcida consciência do valor dos *Studia Humanitatis* na perspectiva da filosofia: a verdadeira sabedoria consiste em conhecer a si mesmo, e a via (o método) para realizar tal sabedoria está nas artes liberais cultivadas oportunamente, isto é, como instrumentos de formação espiritual”. – ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990.

que encobriam as planícies republicanas de Florença, Gênova, Milão e da Sereníssima República de Veneza.²⁴

Curial e Guelfa é um arquétipo perfeito para uma legitimação de governo aragonês sobre territórios catalães e maiorquinos, que idealiza um rei-cavaleiro fiel. Uma clara propaganda política sobre a dinastia da Coroa de Aragão no século XV.

Nesse sentido, a novela pode ser considerada um *Espelho de Príncipe*,²⁵ um código para a formação de um herói fiel ao seu rei. O trecho a seguir atesta uma espécie de instrumentalização da figura com o intuito de formar cavaleiros fiéis ao reino:

O rei ordenou que todos se armassem bem, pois isso representava muito a honra de cada um. Por isso, que se esforçassem. Após todos se armarem, o rei tomou seu estandarte, que era todo negro, com as espadas entrecruzadas e, olhando ao redor, viu um jovem gentil-homem, mas valente e de bom coração, que o rei havia educado em seus aposentos e era das montanhas de Aragão, chamado Aznar de Atrossilo, e, nomeando-o cavaleiro, lhe disse: “– Eu te confio este estandarte e a minha honra (Livro II, cap. 40).

V. A representação histórica

Na história da novela, ocorre um combate entre o rei Pedro e o Duque de Orleães na qual pude identificar uma *representatividade histórica* – cheguei a essa conclusão pela análise filológica e hermenêutica da fonte acompanhada do conceito de *representação*²⁶ – com uma antiga querela entre os dois personagens.²⁷ No combate da novela, o rei

²⁴ SKINNER, Quentin, *op. cit.*, p. 97.

²⁵ “... Espelhos de príncipes (...) eram o grupo das chamadas virtudes principescas, a saber, as virtudes da liberalidade, clemência e fidelidade à palavra dada”. – SKINNER, Quentin, *op. cit.*, p. 248.

²⁶ “... correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente”. – CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

²⁷ “Roger de Lauria, futuro almirante, pediu então o auxílio de Aragão, recordando que Pedro III tinha direitos sobre a coroa da Sicília porque era casado com Constanza, filha do imperador Manfredo. Entrementes, na Páscoa de 1282, a população siciliana se revoltou contra Carlos, após uns desmandos de soldados franceses na porta da Igreja do Espírito Santo, em Palermo. De 30 de março a 21 de abril de 1282, todos os franceses daquela cidade foram mortos e os sicilianos se proclamaram livres do domínio francês e se entregaram à Santa Fé — as chamadas “Vésperas Sicilianas”. No entanto, o papa Martinho IV (1281-1285) continuou apoiando Carlos de Anjou e os excomungou. Assim, os sicilianos voltaram-se para Pedro III de Aragão, oferecendo-lhe a coroa. Segundo as fontes catalãs, Pedro foi recebido como ‘Deus descendo na Terra’. A ilha foi

Pedro, *o Grande*, vence o duque de Orleães e ainda é reconhecido como o melhor cavaleiro do torneio de Melun. Entretanto, não fica para receber a premiação. O autor mostrou que se tratava de uma disputa muito além das riquezas terrenas: na verdade, o rei Pedro queria vingar-se de seu sogro, Manfredo da Sicília (1231-1266), da casa de Hohenstaufen, morto na Batalha de Benevento (1266) nas *Vésperas Sicilianas* (1282). A novela constantemente faz uma alusão aos acontecimentos que fizeram parte da formação e dos conflitos dinásticos do território da Coroa Aragonesa.

A rainha então enviou muito rapidamente um mensageiro para perguntar-lhe se a dispensava, e ele logo concordou. E assim ela foi, com um copo de ouro coberto com uma tampa com muitas pérolas grossas e pedras finas para outorgar como prêmio ao melhor cavaleiro. E embora fosse difícil escolher entre os dos escudos negros, deram-no ao cavaleiro das espadas como aquele que havia se esforçado muito e era capitão naquele dia. Mas como ele já havia ido embora, levaram o prêmio diante de sua donzela, e ela foi adiante, com todas as outras atrás dela, por mais que fossem grandes senhoras. (Livro II, cap. 52).

Conclusão

A formação de um mito é peculiar na a fundamentação de um ideal patriótico. Foi assim com a *Ilíada* e com a *Odisséia* de Homero (século VIII a. C.) e posteriormente *A Eneida* de Virgílio (70-19 a. C.). Com base nesta premissa, concordamos com a hipótese de que a novela *Curial e Guelfa* possivelmente foi escrita a mando de Afonso V de Aragão (I de Nápoles) (1396-1458), *o Magnânimo*, como afirma Germà Colon.²⁸

Curial e Guelfa manifestou-se como uma forma de legitimar os direitos dinásticos do monarca aragonês sobre os territórios catalães, maiorquinos e tantos outros Mediterrâneo afora. Era uma forma de propagar, no imaginário de quem lia a obra, um aspecto medieval sobre os súditos da coroa aragonesa, principalmente os tratos de vassalagem e de susserania.

conquistada em 1283, após a derrota de Carlos de Anjou em terra e mar. Mas Martinho IV interveio: excomungou Pedro III, desobrigou seus súditos do voto de vassalagem e nomeou Carlos de Valois, filho de Filipe III de França (1270-1285), rei da Catalunha”. – COSTA, Ricardo da. “Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300)”. In: COSTA, Ricardo da, TÓRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana (dirs.). *Mirabilia 1. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*. Ano 2001, p. 163-172. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/maiorca-e-aragao-no-tempo-de-ramon-llull-1250-1300>.

²⁸ COLON, Germà. *Era valencià l'autor del Curial?: Problemes de la llengua a València i als seus voltants*. València: Serveis de Publicacions de la Universitat de València, 1987, p. 43-52.

Interpretei *Curial e Guelfa* como um relato histórico, daí a necessidade de entender seu objetivo e sua representação da realidade para buscar o motivo para que ela fosse produzida. Existe, ao que parece, uma intencionalidade na sombra do autor, desvelada a partir dos estudos dos pensadores políticos da Europa renascentista, como Petrarca. Georges Duby já alertava sobre essa faceta da história social: psicológica, a história quis ser assim desde os seus começos.²⁹

Documento importantíssimo, afinal, trata-se de uma fonte literária, uma novela de cavalaria do século XV que apresenta fundamentos ideológicos e o uso de propaganda política antes de chegarmos à época conhecida pela historiografia como *Modernidade*, e que a Península Ibérica produziu com maestria.³⁰

Por fim, *Curial e Guelfa*, esta preciosidade literária do *Quatrocento* está disponível para o mundo lusófono graças ao trabalho de Ricardo da Costa, a quem devo muito, pois me concedeu a oportunidade de vivenciar, e aprender um pouco, sobre uma das mais importantes atividades do historiador: a tradução de documentos. Registro, aqui, o meu agradecimento a esse ilustre pesquisador.

A análise de obras literárias é ainda motivo de discussão no meio acadêmico, mas não me intimidei com pensamentos retrógrados sobre o “fazer história”. Estudo a sociedade, nada mais justo, pois, do que usar a produção literária para analisar uma determinada civilização. Aristóteles (384-322 a. C.) já colocava a Literatura um passo à frente da História. Segundo o filósofo, a primeira aborda os fatos em uma visão universal, em detrimento da segunda que se limita ao que aconteceu.³¹

Encontrei em *Curial e Guelfa* informações que se tornaram peças fundamentais para unir o *quebra-cabeças* de minha pesquisa. A novela é uma preciosa fonte para o conhecimento histórico, terra fértil para plantar dedicação e estudo e colher

²⁹ DUBY, Georges. *Para uma História das Mentalidades*. Lisboa: Terramar, 1999, p. 05. Discurso proferido em sua posse como membro da *Académie française*.

³⁰ NIETO SORIA, José Manuel. *Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla (Siglos XIII-XVI)*. Madrid: Eudema, 1988, p. 49.

³¹ “... não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (...) diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderia suceder. Por isso, a filosofia é algo de mais filosófico e mais sério que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular” – ARISTÓTELES. *Poética* (tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, IX, 1451b, p. 115.

compreensão das atitudes e das mentalidades que ordenavam a sociedade à época de sua escrita.

Essa dedicação do autor em escrever *Curial e Guelfa* como um discurso ideológico, além de um culto ao herói, vale-se da *Teologia Política*:³² o rei como o *Vicário de Deus* (*Vigário de Deus*). É uma transferência sistemática dos conceitos teológicos para o âmbito político. Era um monarca absoluto, em essência natural, como também um ser divino e escolhido por Deus, peculiaridades presentes nas monarquias da Baixa Idade Média. As atitudes sócio-políticas eram legitimadas, assim, pela sua presença santificada. Esse fenômeno social marcou o início dos *Estados Absolutistas da Modernidade*, como o caso clássico de Luís XIV (1638-1715).³³

Marc Bloch (1886-1944) trabalhou com este fenômeno presente nas monarquias da França e da Inglaterra no limiar da Idade Média e da Modernidade ao escrever *Les Rois Thaumaturges*. No fim da Idade Média e para boa parte da Idade Moderna, o que se vê em solo europeu é um mundo, ou uma forma de pensar o mundo, que pode ser definida como julgamento desvendado de um universo *encantado e maravilhoso*: fonte de todo o sagrado e sobrenatural. “Todo mundo sabia que para fazer um rei, e para fazê-lo taumaturgo, era necessário preencher duas condições (...) a ‘consagração’ e a ‘linhagem sagrada’”.³⁴ É possível que a influência dessas duas monarquias, principalmente a francesa, tenha delimitado o pensamento mútuo da sociedade catalã da época. O sucesso do maravilhoso da ficção explica-se pela mentalidade supersticiosa do público a que se destinava.³⁵

O orgulho nacional ainda é uma forma bastante pessoal do povo catalão em manifestar-se contra as imposições sociais, apesar do estatuto de autonomia espanhol. Eles, os catalães, julgam-se independentes de uma monarquia espanhola com raízes francesas, como atualmente é a da Espanha. A dinastia atual é a de Bourbon, descendentes de *Robert de France* ou Roberto de Clermont (1256-1317).³⁶ Essa aversão aos franceses é bem visível nas disputas entre Pedro III e Carlos de Anjou e é um símbolo que perdurou, praticamente, por quinhentos anos, estando ainda presente na Península Ibérica, mesmo no período da União Europeia. Os símbolos representam o

³² NIETO SORIA, José Manuel, *op. cit.*, p. 51.

³³ “*L’État, c’est moi!*” – “O Estado sou Eu!”

³⁴ BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 169.

³⁵ *Ibid.*, p. 187.

³⁶ COIFFIER DEMORET, Henri Louis de. *Histoire du Bourbonnais et des Bourbons qui l’ont possédé*. Paris, 1816.



núcleo dos sistemas culturais, uma vez que é por meio deles que são formados pensamentos, ideias e representações da realidade.³⁷

Foi uma experiência interessante escolher, à época em que me graduei, uma novela de cavalaria como objeto de estudo para finalizar meu curso. Utilizar um conto literário como fonte de minha monografia ajudou-me a aprender um pouco de catalão medieval e algumas peculiaridades da linguagem, similares ao idioma italiano e francês. O grande medievalista Jacques Le Goff (1924-2014) bem assinalou: “É nas profundezas do cotidiano que se capta o estilo de uma época”.³⁸

A busca pela imersão na cultura do recorte temporal estudado foi o maior exercício profissional para a realização do trabalho de pesquisa que resultou numa base para minha linha de pesquisa profissional: a *história das mentalidades*. Não fiz nada mais do que isso: usei a fonte como um instrumento de conhecimento mediador que faz ver o objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituir em memória e de figurá-lo como ele, essencial para essa aproximação entre História e Literatura.

Para Georges Duby é fundamental que no estudo das ciências humanas haja compreensão das relações entre o material e o mental na evolução da sociedade,³⁹ de forma que alcancemos um conhecimento mais apurado sobre nossos antepassados. Saber como eles pensavam e se sentiam, o que esperavam do mundo e da vida: esse é o papel da investigação histórica.⁴⁰

Fontes

- ANÔNIMO. *Curial e Guelfa*. (tradução, apresentação e notas de Ricardo da Costa). Santa Barbara, Califórnia (EUA): Publications of eHumanista, 2011.
- ARISTÓTELES. *Poética* (tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

³⁷ JOHNSON, Allan G. *The Blackwell dictionary of sociology: a user's guide to sociological language*. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 321.

³⁸ LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria São Francisco Alves Editora, 1976.

³⁹ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Edições 70, 1971.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 24 (2017/1)*
Manifestations of the Ancient and Medieval World
Manifestaciones de los mundos antiguo y medieval
Manifestações da Antiguidade e da Idade Média

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

DANTE ALIGHIERI. *La Commedia secondo l'antica vulgata a cura di Giorgio Petrocchi* (edizione Nazionale a cura della Società Dantesca Italiana). Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1966-1967.

Bibliografia

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990.

BLOCH, March. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BUTIÑÁ JIMÉNEZ, Julia. *La introducción del Humanismo en la Península Ibérica*. In: COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21. Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)*. Jul-dez 2015, p. 198-221, *Internet*, <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/21-11.pdf>

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. “O mundo como representação”. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COIFFIER DEMORET, Henri Louis de. *Histoire du Bourbonnais et des Bourbons qu'il ont possédé*. Paris, 1816.

COLON, Germà. *Era valencià l'autordel Curial?: Problemes de la llengua a València i als seus voltants*. València: Serveis de Publicacions de la Universitat de València, 1987.

COSTA, Ricardo da. “Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300)”. In: COSTA, Ricardo da, TÓRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana (dirs.). *Mirabilia 1. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*. Ano 2001, p. 163-172. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/maiorca-e-aragao-no-tempo-de-ramon-llull-1250-1300>.

_____. “Um Espelho de Príncipes Artístico e Profano: a representação das virtudes do Bom Governo e dos vícios do Mau Governo nos afrescos de Ambrogio Lorenzetti (c. 1290-1348?)”. In: *Utopía y Praxis Latinoamericana – Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social*, vol. 8, n. 23, out. 2003, p. 55-71, Maracaibo: Universidad Del Zulia. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/um-espelho-de-principes-artistico-e-profano-representacao-das-virtudes-do-bom-governo-e-os>

_____. “O papel do amor cortês e dos jograis na Educação da Idade Média: Guilherme da Aquitânia (1071-1127) e Ramon Llull (1232-1316)”. In: CASTRO, Roberto C. G. (org.). *O Intérprete do Logos – Textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: Factash Editora / ESDC, 2009, p. 231-244. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/imagens/amor/papeldoamorcortes.pdf>.

_____. “Uma jóia medieval no alvorecer do Humanismo: a novela de cavalaria Curial e Guelfa (século XV)”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 539-549. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/539-549.pdf>.

DUBY, Georges. *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Para uma História das Mentalidades*. Lisboa: Terramar, 1999.

HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 24* (2017/1)
Manifestations of the Ancient and Medieval World
Manifestaciones de los mundos antiguo y medieval
Manifestações da Antiguidade e da Idade Média

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

“INVESTIGADORES de la UV descubren el autor de la novela ‘Curial e Güelfa’ y confirman su ‘valencianidad’”, 27 fev. 2017, Internet, <http://m.20minutos.es/noticia/2971083/0/investigadores-uv-descubren-autor-novela-curial-guelfa-confirman-su-valencianidad/>.

JOHNSON, Allan G. *The Blackwell dictionary of sociology: a user's guide to sociological language*. Cambridge: Blackwell, 1995.

LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria São Francisco Alves Editora, 1976.

NIETO SORIA, José Manuel. *Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla (Siglos XIII-XVI)*. Madrid: Eudema, 1988.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOBREQUÉS I CALLICÓ, Jaume. *Corona d'Aragó, Reial Corona d'Aragó, Corona Reial d'Aragó i Casa d'Aragó, en el llenguatge polític del segle XV*. A: *Estudis d'Història de Catalunya* (Edat Mitjana · Edat Moderna · El Pactisme). Barcelona: Editorial Base, 2009.